

CAMINHOS E DESCAMINHOS DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA: EM BUSCA DE UM ESTUDO AVALIATIVO

Wagner Bandeira Adriola (UFC)
Maria de Lourdes Rocha Lima Nunes (UFPI)
Reia Silvia Rios Magalhães e Silva (CEUT/ICF)

GT 15 – Avaliação Educacional

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*“Eu espero na medida em que começo a busca,
pois não seria possível buscar sem esperança”*
(Paulo Freire)

O novo milênio traz consigo um mar de turbulência. Mudanças vêm surgindo cada vez mais rápidas no cenário mundial. Mudanças que afetam simultaneamente a literatura, o cinema, a música, a arquitetura, a arte em geral. Mudanças que afetam mentalidade, modos de ser, de pensar e, conseqüentemente, de agir.

A sociedade, tocada pelas transformações do século XXI, o chamado século do conhecimento e da tecnologia, torna-se mais atenta, quer saber mais e melhor, participar do que acontece ao seu redor. Cobranças são acentuadas junto ao sistema educacional, principalmente no que se refere ao ensino superior. Nessa nova realidade, exige-se cada vez mais das universidades públicas. Afinal, no meio dessa turbulência de um mar imenso de desarticulação ideológica, de dissociação política, de desigualdade social, a universidade representa ainda um ponto de esperança. A sociedade, então, questiona o compromisso social das universidades, repensa o modelo acadêmico vigente, cobra mais, exige qualidade em todas as atividades desenvolvidas.

As universidades devem, obrigatoriamente, estar de portas abertas à avaliação institucional, pois enquanto uma atividade que permite a reflexão sobre a realidade estudada e que nos exige, a todos os autores implicados, o compromisso com o conhecimento e com o aprimoramento dessa mesma realidade (ANDRIOLA, 2003), torna-se uma luz que ilumina caminhos, revela direções, aponta soluções e transforma ações. A avaliação é, assim, um processo de conhecimento e compreensão de uma dada realidade que possibilita a consciência institucional que se materializa nas práticas dos sujeitos envolvidos. Os resultados da avaliação trazem normalmente o nascimento de práticas revolucionárias, comprometidas com o aprimoramento constante.

Iniciando a busca de um estudo avaliativo sobre a educação superior brasileira realizamos primeiramente as reflexões produzidas no presente texto. Nosso objetivo, neste estudo preliminar, é revisitar analiticamente alguns pontos que revelam os caminhos e descaminhos das universidades públicas brasileiras, suscitando o debate em torno da universidade que temos e a universidade que desejamos ter.

2 ERA UMA VEZ UMA UNIVERSIDADE: o que era já não é mais

A universidade é uma instituição que nasceu em plena Idade Média, no século XII, inspirada e apoiada pela Igreja. Quase mil anos de história da universidade... Muitos anos se passaram. Muita coisa aconteceu. A universidade é uma instituição histórica que vem se desenvolvendo em sintonia com a sociedade, agregando componentes, procurando adaptar-

se a realidade contextual. Essa instituição tem sobrevivido a épocas e regiões distintas, em várias sociedades com diferentes níveis de desenvolvimento social e econômico e com padrões culturais muito diferentes.

Na sua estrutura, entretanto, a universidade continua quase a mesma. Nenhuma mudança significativa ocorreu. Seu papel pouco mudou. O cenário, porém é outro. Os personagens também. A realidade é transitória, não pára. O que era já não é mais.

Era uma vez uma universidade onde o graduado saía com um estoque de conhecimento que durava para sempre. Hoje, já não é mais assim. O conhecimento é um bem perecível, se for guardado acaba se estragando. Tem que ser, portanto, conservado, renovado e mantido como fonte inesgotável de novos saberes.

Era uma vez uma universidade com salas de aula, biblioteca, professores de livro na mão, alunos anotando, o conhecimento estava ali, em transmissão. Na atualidade, o conhecimento está em todo lugar. A universidade é apenas mais um canal. Vivemos num rápido intercâmbio de conhecimentos técnicos, científicos, tecnológicos e culturais, prática presente no mundo globalizado.

Era uma vez uma universidade que fornecia para seus alunos passaporte para o sucesso profissional. Hoje, o diploma já não basta. O mercado está altamente competitivo e exige profissionais dinâmicos, competentes, com currículo rico e atualizado.

Era uma vez uma universidade onde seu produto se difundia, servia a todos. Agora o conhecimento de um recém-formado serve apenas para quem tem recursos e pode pagar por seus serviços de equipamentos caros e de pouco acesso.

O que era já não é mais. A realidade mudou. Conforme Buarque (2003, p. 24) “a realidade da situação social do mundo, bem como os avanços dinâmicos em termos de informação, conhecimento e novas técnicas de comunicação e educação evidenciam a necessidade de uma revolução no conceito de universidade”.

3 A MISSÃO DA UNIVERSIDADE

A universidade pode ser considerada uma instituição histórica, pois desde que foi pensada, projetada e instituída, retrata os anseios e as necessidades de uma sociedade dentro de um contexto. As propostas teóricas, os interesses que moveram determinadas pessoas e a luta pela criação desse tipo de instituição, os fins e objetivos que tinham em mira, os impactos provocados, o papel que desempenhou desde a sua criação, os padrões e os valores cultuados, os conjuntos das relações tecidas, são elementos que devem ser observados para compreender a relevância da universidade na sociedade em que está inserida.

A natureza das suas atividades, e as áreas de competência no que se refere às questões políticas, sociais, econômicas e culturais; seus propósitos; sua área de influência à luz do desenvolvimento de uma sociedade reflete os objetivos e a função da universidade. Nesse sentido questiona-se: qual a missão da universidade? Qual a função da universidade? Como a universidade pode ser útil à sociedade? Como possibilitar uma articulação maior da universidade com a sociedade?

Belloni (1992) coloca que a principal função da universidade é gerar saber:

Um saber comprometido com a verdade porque ela é a base de construção do conhecimento. Um saber comprometido com a justiça porque ela é a base das relações entre os humanos. Um saber comprometido com a beleza porque ela possibilita a expressão da emoção e do prazer, sem o que a racionalidade reduz o

humano a apenas uma de suas possibilidades. Um saber comprometido com a igualdade porque ela é a base da estrutura social e inerente à condição humana.”(p.75)

O filósofo francês Jákues Derrida, citado por Santos (2003), diz que uma universidade tem que ter uma “razão de ser” na qual esteja inserida sua finalidade, função, missão e destinação, em suma, a justificativa da sua existência. A universidade é uma instituição social, com função social de gerar conhecimentos, formar profissionais de qualidade e disponibilizar os mesmos para a sociedade. Mas é também uma instituição geradora de espaços de criatividade, reflexão de invenção e de descoberta.

Karl Jaspers, citado por Santos (2001, p. 188), coloca que a missão eterna da universidade, que faz com que seus membros congreguem-se em torno dela, é a busca incondicional da verdade “e apenas por amor à verdade”. Daí decorrem os três grandes objetivos da universidade que são a investigação, o ensino e a prestação de serviços. A pesquisa é a investigação sistemática, portanto a procura da verdade requer inquirir e indagar. A universidade deve ser o centro da cultura que guia a educação do homem estando, portanto, comprometida com a verdade que deve ser transmitida, “a universidade ensina e mesmo o ensino das aptidões profissionais deve ser orientado para a formação integral”. A idéia perene de universidade está vinculada a construção do conhecimento na busca da verdade à qual deve estar associado o processo de transmissão na formação do homem no seu todo.

Santos (2003) coloca que a universidade, sendo uma instituição social, com função social, é um elemento constituinte da sociedade. Suas características são determinadas pelo próprio contexto social, político, econômico e ideológico no qual está inserida. A função social da universidade exercida através das atividades exclusivamente acadêmicas (geração de conhecimento, formação de profissionais de qualidade e disponibilização dos mesmos para o mercado de trabalho) e pelas atividades extencionistas.

Santos (2001, p 189) ao reportar-se ao relatório da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico-OCDE sobre as universidades, apresenta suas dez principais funções, que são imprescindíveis: 1) educação geral pós-secundária; 2) investigação; 3) fornecimento de mão de obra qualificada; 4) educação e treinamento altamente especializado; 5) fortalecimento da competitividade da economia; 6) mecanismo de seleção para empregos de alto nível através da credencialização; 7) mobilidade social para os filhos e filhas das famílias operárias; 8) prestação de serviços à região e à comunidade local; 9) paradigmas de aplicação de políticas nacionais (ex.: igualdade de oportunidades para mulheres e minorias raciais; 10) preparação para os papéis de liderança social.

A universidade é uma comunidade de professores, alunos e funcionários que objetiva a elaboração crítica do saber e sua transmissão através do ensino, da pesquisa e da extensão. Melhoria da qualidade de vida, pelas pesquisas e estudos nas diferentes áreas do conhecimento, como saúde, meio ambiente, educação, etc, constitui parte da missão acadêmica. A discussão acadêmica em torno dos grandes problemas sociais é uma exigência constante. Para Marcovitch (1998, p. 73, 74).

A exclusão social é o maior problema da sociedade moderna, principalmente em nosso país. Não há como a universidade furtar-se ao debate desta questão (...). Na questão em debate, a universidade tem, simultaneamente, um compromisso com a coesão social e outro com a excelência.

Nesse sentido a contribuição da universidade é também pesquisar, transmitir e debater políticas públicas, o que possibilita o avanço em áreas de especialização. Ao mesmo tempo, o conhecimento produzido e/ou reconfigurado instrumentaliza a sociedade tornando-

a apta a responder às suas necessidades e desafios. Em resumo, toda ação educativa deve procurar conscientizar acerca do problema, identificar as causas, procurar modificar atitudes e valores e trabalhar para mudar a situação presente trazendo como marca a solidariedade e o compromisso com a vida.

Os valores acadêmicos, como o pluralismo, o universalismo, a solidariedade, a ética e a excelência devem permear todas as ações desenvolvidas nas universidades. São fundamentalmente de natureza subjetiva, mais perceptível do que visíveis. São irrenunciáveis e se complementam, não podendo ser hierarquizados por ordem de importância, nem invocados à semelhança de dogmas e mandamentos.

Pluralismo – é necessária a livre circulação de idéias, o livre trânsito das diversas correntes de opinião inclusive aquelas idéias que propõem a transformação da ordem social em vigor, pois possibilitam múltiplas leituras da história, até a interpretação isenta e exata.

Universalismo – o conhecimento pertence à humanidade. Ele se enriquece com o processo de difusão, vai agregando e gerando novos conhecimentos. As idéias renascem a cada instante e engrandecem toda ação cultural.

Solidariedade – é um sentimento que não figura nos estatutos ou regimentos. É alimentada pela empatia com o outro e pelo sentimento de justiça. Não deve ser entendida como atitude corporativa, mas sim voltada para realidades internas e externas, onde houver um ato de injustiça.

Ética – é o valor essencial nas relações humanas. Deve ser o fundamento da conduta humana e institucional. Deve influenciar a ação docente, a gestão da instituição, a pesquisa, as reuniões de departamento, colegiados, comportamentos dos docentes, discentes e servidores. Uma universidade ética pode incutir valores na comunidade universitária.

Excelência – a busca pela excelência significa investimento em pesquisa, na capacitação de seus quadros, em todos os segmentos. É a transformação de uma idéia em saber, em ação, da forma mais correta, mais completa, atingindo plenitude. É o conhecimento que se materializa para o bem da humanidade.

A universidade cidadã cultua esses valores, apresenta-se para a sociedade com projetos de transformação da realidade que é adversa à qualidade de vida. Procura interagir com a sociedade, que enfrenta várias transformações e o novo mundo que se prenuncia exige novas atitudes, novos valores individuais e coletivos, para que as relações entre os homens sejam baseadas no diálogo, no respeito à individualidade e, principalmente, no respeito a todas as formas de vida. Para Marcovitch (1998, p. 17) “o valor de um projeto não se mede pelo fato de ser estrangeiro ou nacional, mas pela sua capacidade de equacionar bem os problemas reais e encaminhar a sua solução”.

4 A CRISE NA UNIVERSIDADE: o que esperar da universidade hoje?

O que é universidade hoje? O que se pode esperar da universidade num momento de quase nenhuma esperança? Os acontecimentos das últimas décadas do século XX trouxeram grande desorientação. E desorientados estamos, sem saber o que esperar da economia do país, dos partidos políticos, da democracia, das religiões, das empresas, da ciência e tecnologia, das ideologias.

Hoje, nada disso parece estar cumprindo a função que esperávamos. Estamos vivendo num novo milênio. Estamos zonzos, o mundo girando, transformações radicais acontecendo. No meio desse mar imenso de desarticulação ideológica, de dissociação

política, de desigualdade social, precisamos de uma instituição forte, capaz de reorientar o futuro da humanidade. A universidade nos parece um ponto de apoio. Como bem diz Buarque (op. cit. p. 25): “se examinarmos as instituições que sobreviveram ao longo desses últimos mil anos, podemos ainda nos permitir ter esperanças, se voltarmos nosso olhar para a universidade”.

Sim, a universidade, de repente, pode ser a famosa luz no fim do túnel. Ainda nos resta uma esperança. Mas lembremos também com Buarque que:

Para que a universidade seja um instrumento de esperança, entretanto, é necessário que ela recupere esperança nela própria. Isso significa compreender as dificuldades e limitações da universidade, bem como formular uma nova proposta, novas estruturas e novos métodos de trabalho. Lutar pela defesa da universidade significa lutar pela transformação da universidade. (2003, p. 25)

Transformar é preciso. Apesar de todas as dificuldades a hora é essa. O que temos que fazer? Não há recursos suficientes para atender a crescente demanda, sabemos. Mas será que temos um governo comprometido com a educação? Temos, com certeza, uma sociedade exigente, ligada, despertando para o conhecimento do novo.

Nessa direção em busca do novo, a esperança está na universidade. A universidade, porém, antes de definir a direção do novo deve entrar em sintonia com esse novo. Corrigir erros, encontrar meios de crescer, mudar, renovar a si mesmo.

E a universidade pública, no Brasil, como vai? Encontra-se na encruzilhada ou à beira do precipício? Sabe-se que as transformações de ordem político-institucional decorrentes da política educacional, desenvolvida nos últimos vinte anos pelo governo federal, têm reduzido os recursos destinados à universidade pública, com conseqüente privatização do ensino superior.

A universidade vem sofrendo com os danos do neoliberalismo das últimas décadas. O Brasil, atingido por essa realidade, viu suas universidades públicas, durante esse período, “perderam poder, recursos financeiros e professores, não tendo crescido o suficiente para a tender à demanda por vagas” (BUARQUE, 2003, p. 27).

A redução dos recursos traz conseqüências drásticas: sucateamento dos prédios, acúmulo de dívidas, no que se refere a verbas de custeio (despesas com água, luz, telefone e material de expediente), bibliotecas defasadas, laboratórios com equipamentos ultrapassados, computadores obsoletos etc. falta de dinheiro para manutenção e, muito menos, para investimentos. Outro aspecto importante, do ponto de vista político, decorrente da redução dos recursos, é o achatamento salarial dos professores e servidores.

O achatamento salarial associado às dificuldades de ensino, pesquisa, extensão e gestão fazem com que os servidores, professores e administradores, realizem atividades voltadas, principalmente, por melhores condições de trabalho, por mais verbas para educação superior deixando, de alguma forma, de exercer o compromisso social das universidades.

A universidade pública brasileira foi comparada aos mosteiros, estando, portanto, enclausurada sem reciprocidade para com a sociedade a que pertence (Buarque 2003). Na realidade não houve perda de sintonia entre a universidade e a sociedade, há uma crise, agravada a cada ano e em cada governo. Por isso urge uma reforma, não da universidade, e sim uma reforma mais profunda na política econômica do nosso país.

Fazer essa afirmação sem a análise do contexto, porém, é um discurso vazio. Ser vanguarda crítica, na produção do conhecimento, no momento atual, não é impossível,

porém, difícil. Como competir com laboratórios ligados a multinacionais que têm equipamentos modernos e podem pagar até vinte vezes mais, do que a universidade pode fazê-lo a seus pesquisadores? Esse ponto remete a outra análise: não se podem ignorar as leis do mercado e é por essa diferença, que envolve salário e condições de trabalho, que a universidade está perdendo excelentes profissionais, que podiam prestar bons serviços à universidade e à sociedade. A universidade brasileira se encontra em crise e a falta de recursos é um indicador.

A universidade está sendo pressionada para encontrar formas alternativas de recursos como: 1) introdução e/ou aumento de mensalidades e outros custos relacionados a estudos; 2) promoções de que possam gerar renda (contratos de pesquisa, serviços acadêmicos e culturais, cursos de curta duração e consultorias). Essas alternativas são apresentadas como uma forma de distribuição de responsabilidade de custeio e teria como consequência a diminuição da participação do Estado já que está se tornando insustentável para a maioria dos países manterem o ensino superior com fundos públicos.

A universidade brasileira está em crise e não é só financeira. A crise que se instalou é de hegemonia, legitimidade e institucional e surgiu nos últimos trinta anos, coincidindo com a crise global da instituição universitária. A crise de hegemonia tomou grandes dimensões porque está relacionada aos conhecimentos que a universidade produz, e dos quais ela não detém mais a primazia da produção. A crise de legitimidade tem a ver com a falência dos objetivos coletivamente assumidos, os quais não estão sendo plenamente alcançados, especialmente no que diz respeito ao seu compromisso perante a sociedade. O que está em causa na crise institucional é a autonomia universitária e sua especificidade organizativa, que é questionada ou até imposta através de modelos organizativos de instituições consideradas mais eficientes.

A maioria dessas universidades, sem perceber a crise em toda a sua profundidade, deixaram-se levar pela crise. Em vez de lutar contra ela, tornaram-se prisioneiras de suas próprias necessidades. Em vez de derrubar e reconstruir, passaram a “consertar” o que não tinha conserto.

Como diz Buarque: “A universidade tem de transformar sua crise de recursos num recurso para atender a crise maior do conhecimento humano e de sua relação com o destino da humanidade” (2003, p. 28).

A universidade precisa transformar-se. Voltar a ser instauradora do processo contínuo de conhecer e recuperar também o seu papel de principal centro de distribuição do conhecimento. Precisa recuperar novamente a capacidade de assegurar o futuro profissional de seus alunos e assumir compromisso e responsabilidade ética para com o futuro de uma humanidade sem exclusão.

Atualmente, a universidade sofre com as perdas de sintonia. A primeira perda de sintonia tem a ver com a velocidade com que o conhecimento avança nas correntezas do mundo globalizado. Por mais que se esforce a universidade não consegue acompanhar a velocidade atual do conhecimento fora dela. Com o avanço do conhecimento perde, portanto, sua eficiência. Esse avanço não permite que um portador de um diploma universitário permaneça por muito tempo preparado para as funções da sua profissão, a não ser que entre no movimento e também avance seus conhecimentos, se atualizando constantemente.

Outra perda de sintonia está relacionada à disseminação do conhecimento. Nem toda universidade está preparada para incorporar os recursos da realidade técnica de hoje. Sem os

recursos modernos da mídia eletrônica, que permite o ensino a distância, sem a presença física do professor, a universidade sofre a perda de abrangência na comunicação de massa.

A universidade perdeu também o papel de promotora social. O diploma universitário já não garante o futuro do jovem graduado. A realidade de hoje, devido ou ao excesso de profissionais ou à obsolescência dos seus conhecimentos, exige a reciclagem, a atualização do que foi aprendido na universidade.

No século atual, a universidade convive com a humanidade cindida em duas. De um lado, os incluídos nos benefícios técnicos do mundo globalizado, do outro, estão os excluídos. Lidando com a pobreza de forma alienada, a universidade torna-se incapaz de assumir, de forma realmente competente e comprometida, os interesses dos excluídos. Não lutando pela verdadeira abolição da exclusão, a universidade acaba, assim, por perder a sintonia ética com os interesses da população.

A universidade do século XXI, se não se enxergar como um ser global, não conseguirá se incorporar à globalização. Eis, portanto, outra perda de sintonia. As universidades precisam recuperar essas perdas. O conhecimento universitário deve estar em plena sintonia com o conhecimento e as demandas do mundo externo.

Entrar em sintonia com o mundo moderno significa, para a universidade, corrigir erros, transformar-se, reinventar-se, encontrar formas alternativas de conviver e sobreviver à turbulência da virada de século.

5 REVOLUÇÃO DA UNIVERSIDADE: alguns pontos norteadores

Depois de vários séculos de sua fundação, em meio a uma revolução tecnológica, num mundo dividido, está, hoje, a universidade precisando fazer sua própria revolução.

Buarque (2003) propõe a refundação da universidade baseada em sete vetores que norteiam esse processo: a) universidade dinâmica; b) universidade unificada; c) universidade para todos; d) universidade aberta; e) universidade tridimensional; f) universidade sistemática. Essa proposta merece algumas considerações, pois a universidade é uma instituição que está inserida em uma sociedade apresenta uma diversidade de estruturas institucionais que envolvem programas, população estudantil, obtenção de fundos, por exemplo, portanto não devem ser tratadas como iguais.

Quanto à universidade dinâmica, a proposta apresenta alguns equívocos como responsabilizá-la pela reciclagem do conhecimento, ao longo da vida profissional dos egressos da graduação e da pós-graduação. Primeiro, o egresso também é responsável pela capacitação, portanto cabe-lhe procurar a universidade para complementação de estudos. Segundo, a universidade não está conseguindo atender a demanda para graduação dos egressos do ensino médio e, muito menos, para a pós-graduação.

Buarque (2003) comete uma injustiça ao considerar que os doutores vivem a cultivar um único trabalho de mérito que é a tese, não é à toa que o Brasil está em primeiro lugar em produção científica na América Latina. O Núcleo de Estudos Avançados da USP um relatório em 2000 mostrando que 94,7% da produção científica do país na forma de trabalhos publicados em revistas internacionais vêm de universidades públicas.

A proposta de universidade unificada parece mais ficção. O fato de as instituições universitárias serem integradas por todos os meios disponíveis da comunicação moderna, não significa que tenham sido vencidas as barreiras de língua, legislação específica de cada país, propostas de currículos etc. Wanderley (1988, p. 42) reforça essa idéia ao afirmar que:

A variedade e complexidade das exigências profissionais se alternam de país para país, havendo partes comuns existentes em quase todos, que resultam da similitude de objetivos e de condições requeridas por determinado campo profissional dentro do atual desenvolvimento científico e tecnológico a nível mundial.

A universidade para todos ainda é um sonho, pois não existem vagas suficientes. Portanto, a seleção é necessária. A universidade aberta a todo planeta, com aulas transmitidas pela televisão, pelo rádio e na Internet não é eficaz. Para que isso aconteça, é preciso que as instituições estejam equipadas, tenham profissionais capacitados para gerir esse processo assim como o público alvo tenha acesso a esses equipamentos, saiba utilizá-los e tenha condições de acompanhar o processo de ensino. Só transmitir conhecimentos pela televisão rádio e Internet não é suficiente para garantir eficácia. O Brasil é um país que tem um grande contingente populacional que não tem o mínimo para sobreviver e infelizmente, não têm esperança de ter um dia. No sertão do Nordeste brasileiro e em alguns países da África, por exemplo, a perfuração de um poço d'água na seca é um gesto tão moderno quanto o acesso à Internet.

Os conhecimentos produzidos e acumulados ao longo da história da humanidade são transmitidos aos alunos nas universidades por meio de diversas disciplinas que compõem o currículo de cada curso universitário e/ou programa de ensino. Dentro dessa perspectiva, o currículo pode transmitir uma concepção de homem, de sociedade e de cultura. A maneira como o conhecimento evolui e a própria análise da ciência já leva à construção de um saber transdisciplinar. A universidade tridimensional deve ter um currículo que lide com a complexidade e multidimensionalidade presente na construção e transmissão desse conhecimento.

A preservação ambiental em países com grandes desigualdades sociais como o Brasil, é uma questão política, ética, social econômica e complexa. A universidade sustentável deve estar comprometida com a questão ambiental. A humanidade precisa conscientizar-se da necessidade de mudar seu relacionamento com o Planeta Terra, pois fatores como o aumento progressivo da população mundial emerge como um poderoso elemento, influenciando os principais setores da atividade humana.

A questão ecológica tem levado à percepção da necessidade de uma nova ética global, capaz de promover a erradicação da pobreza, da fome, do analfabetismo, da poluição, da exploração econômica e da dominação humana. A humanidade deve lutar pela transformação da consciência dos indivíduos, da comunicação com os semelhantes e de sua relação com o planeta. A universidade como instituição de vanguarda que deve ser, tem que estar presente nesse processo, pesquisando, informando para que o homem lute por um novo modelo de desenvolvimento baseado na ética, no respeito pela natureza, por ele próprio e pela sua dignidade.

No Brasil há pouca integração da universidade com a sociedade de forma a atender as demandas e expectativas, como se faz necessário em um país de miseráveis e analfabetos. Nesse sentido a universidade é considerada uma instituição de elite. A universidade pública brasileira está sucateada e como não há um sentimento de pertença da sociedade em relação a universidade, não há manifestação da mesma para reverter essa situação. Tudo indica que a privatização da educação superior é um caminho sem volta, como o foi para educação básica.

O brasileiro precisa se conscientizar de que precisa lutar por uma universidade pública gratuita e de excelência. Deve-se considerar que qualquer discussão sobre educação passa obrigatoriamente pela indagação dos direitos fundamentais do ser humano, que nasce com atributos e predicados que lhe conferem esses direitos em condições de igualdade,

respeito e dignidade. O direito à educação está inserido nos direitos fundamentais e não pode ser privilégios de alguns, mas deve ser assegurado a todos cidadãos do mundo como uma condição necessária para o exercício da cidadania e uma existência digna.

O direito à educação não se resume ao acesso à universidade, mas não será vivenciado plenamente se a universidade não der a seus alunos e ao conjunto da sociedade onde está inserida informações, conhecimentos e domínio de técnicas imprescindíveis à compreensão do mundo que os rodeia, desenvolvendo nos mesmos o senso crítico que os levará a uma ação transformadora de uma sociedade desigual numa sociedade justa.

6 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS: a universidade que queremos

Buarque (2003) faz uma alerta para a encruzilhada da universidade. Para o autor a crise da universidade brasileira coincide com a crise global da instituição universitária. Nesse momento, estamos num ponto onde caminhos se encontram. Precisamos, pois, escolher que rumo seguir.

A humanidade está numa encruzilhada. É necessário escolher. Ou ficamos com a continuação de sua modernidade técnica, desenvolvida durante duzentos anos, que culminou na divisão perversa de dois grupos desiguais de seres humanos, ou ficamos com a construção de uma modernidade ética alternativa, capaz de manter a semelhança natural dos seres humanos e assegurar a todos o essencial do progresso científico e tecnológico.

Nesse mundo em mutação, assim como a humanidade, a universidade também se encontra numa encruzilhada. Que universidade queremos? Que rumo seguir?

Sem dúvida, é preciso construir mais escolas, mas, principalmente, é preciso investir em condições de equipamentos e recursos humanos qualificados.

As universidades brasileiras passam por um rápido e surpreendente processo de crescimento, especialmente no tocante às instituições privadas. Mas esse crescimento acontece de forma desordenada. As universidades precisam, pois, passar imediatamente por uma reorganização. Não adianta se pensar em soluções emergenciais que se apliquem especialmente às universidades públicas, mas sim numa reorganização geral. Todo sistema universitário brasileiro necessita sofrer alterações. Tanto as universidades públicas e privadas, como qualquer entidade que faz parte do sistema de produção do conhecimento superior, como institutos de pesquisa, empresas, hospitais, devem atuar de forma harmônica, considerando os problemas da sociedade em geral e participando ativamente de sua transformação.

A universidade que queremos tem bastante número de vagas, sem desigualdades de acesso. Pensa em todos, não tem preconceito, é democrática e busca corrigir as desigualdades de oportunidades para os diferentes grupos étnicos.

A universidade que queremos é uma universidade madura, mas não velha, inteiramente sintonizada com o seu tempo e o futuro. Tem métodos e instrumentos de ensino modernos, sendo atualizada em termos de conhecimento de ponta.

A universidade que queremos tem compromisso com a sociedade e participa fundamentalmente das atividades políticas. Começa com o ensino básico, é parte integrante do processo de educação do povo brasileiro. Não é isolada, mantém relação com os demais setores sociais.

A universidade que queremos tem recursos suficientes para evitar a crise. Tem professores e funcionários competentes e bem remunerados, uma estrutura de apoio

adequada e oferece uma formação acadêmica comprometida com as atividades de ensino e pesquisa.

A universidade que queremos considera a provisoriedade da realidade e é presença permanente na vida de seus formandos e tem flexibilidade no tempo de duração de seus cursos.

A universidade que queremos é forte e decidida. Não é prisioneira dos interesses de poucos. Tem autonomia para mudar ou não mudar. Sabe o que quer e como fazer para alcançar. Ouve os alunos, os professores, os funcionários e a comunidade. Tem atitudes autocorretivas e está preparada para atender a todos, sem distinção de classe, de cor, de gênero e de lugar de nascimento.

Já sabemos o essencial: a universidade que queremos. Agora temos condições de encontrar o rumo certo e tudo que precisamos para seguir esse rumo.

“A universidade é um portal de esperanças”, nos lembra Buarque. Sim, a universidade é a nossa esperança, pois é exatamente ela que nos fornece conhecimento. O conhecimento nos desperta, nos abre os olhos e nos faz compreender a encruzilhada com a qual nos deparamos em meio ao nosso processo civilizatório. Temos caminhos diferentes.

Um dos caminhos leva a um mundo unido, enquanto o outro conduz a um mundo socialmente cindido. Temos de conceber idéias para a criação de um futuro melhor, que venha beneficiar toda a humanidade, com uma globalização que não inclua a exclusão social. (BUARQUE, 2003, p. 62)

A universidade que queremos é ainda um sonho. Sonhar é permitido, lutar é imprescindível. Não podemos cruzar os braços e continuar esperando. Já temos um rumo... Muitos são os desafios. Faz-se necessário que vejamos tudo com olhos críticos, que questionemos e avaliemos sempre. Que exercitemos prática política, sem perder a esperança, a capacidade de nos surpreender, à vontade de vencer e a coragem de mudar.

Para concluir, propomos a cobrança aos governantes do país de mais respeito para com a sociedade que representam. Exija-se deles “uma modernidade ética, na qual o conhecimento técnico está subordinado aos valores éticos, dos quais um dos principais é a manutenção da semelhança entre os seres humanos”, Buarque (2003, p. 27). Do contrário, a universidade sai da encruzilhada e vai para a beira do abismo.

Não podemos permitir que isso aconteça. Precisamos chegar à universidade que queremos. Para isso, é preciso que operacionalizemos práticas eficientes, comprometidas e adequadas aos novos tempos. Só assim podemos conquistar espaços, aproveitar o momento, avaliar, propor e transformar.

Nesse mar turbulento, se navegar é preciso, avaliar é fundamental. Precisamos dar continuidade ao processo de avaliação do ensino superior e do desempenho acadêmico das instituições brasileiras iniciado a partir da metade da década de 1970. E a avaliação que possibilitara a sobrevivência das universidades. E se desejamos transformar alguma coisa no nosso ensino superior é preciso primeiro avaliá-lo, saber o que está ocorrendo, conhecer as pretensões educacionais e a atuação docente.

Transformar, eis o desejo! O desejo dos profissionais comprometidos com a educação do ensino superior brasileiro. Avaliar, eis a tarefa! Sem avaliar o que temos é impossível a transformação das universidades brasileiras. A hora certa é agora, nos alerta Buarque (2003). Apesar de difícil, o caminho é este. Vamos ter coragem, afivelar o cinto, dar as mãos e seguir...

*É preciso sonhar e acreditar cada vez mais no nosso sonho.
E confrontá-lo cada vez mais com a realidade e realizar
cada vez mais inescrupulosamente a nossa fantasia.*
(Lenin)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIOLA, Wagner Bandeira. Opinião dos alunos de pedagogia sobre a qualidade educacional da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceara. In: *Avaliação: Fiat lux em educação* Wagner Bandeira Andriola, Brendan Coleman Mc Donald (orgs.) et al. Fortaleza Editora da UFC, 2003.

BELLONI, Isaura. Função da universidade: notas para reflexão. In: BRANDA, Zaia, et al.: *Universidade e Educação*. Campinas: Papirus: Cedes: São Paulo: Anpede, 1992.

BUARQUE, Cristovam. A universidade na encruzilhada. In: *A universidade na encruzilhada*. Seminário universidade: por que e como reformar? Anais: Brasília 6 – 7 ago. 2003. Brasília: UNESCO Brasil, Ministério da Educação, 2003.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. *Universidade e poder: análise crítica. Fundamentos históricos: 1930-1945*. Brasília: Plano, 2000.

MARCOVITCH, Jacques. *A universidade (im)possível*. São Paulo: Futura, 1998.

POLÍTICA DE MUDANÇA DO ENSINO SUPERIOR/ UNESCO-Brasil: Anais. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez, 2001.

SANTOS, Carlos Alberto Antunes. A nova missão da universidade: inclusão social. In: *Educação superior: reforma, mudança e internacionalização*. Anais. Brasília: UNESCO-Brasil, SESU, 2003.

WANDERLEY, Luis Eduardo. *O que é a universidade*. São Paulo, Brasiliense, 1988.